

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

INSTITUTO DE ARTES

DEPARTAMENTO DE ARTE DRAMÁTICA

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

MONSTRO


Maurício Antônio Schneider

Orientação: Mesac Roberto Silveira Jr.

Porto Alegre, dezembro de 2019

🔊 🔋 📶 4G 71% 00:14

mauricioaschneider
Departamento De Artes Dramáticas Ufrgs



1/4

👍 💬 📌 ... 📌

Curtido por **marcia_weschenfelder** e outras **5** pessoas

mauricioaschneider Essa semana apresentei meu trabalho de conclusão de curso! Estava com muito medo... Ainda estou. Minha pesquisa se intitula MONSTRO, e fala sobre minhas experiências com a depressão, minha relação com o teatro e tudo isso no contexto de um desfile de carnaval! Me faço carnavalesco e apresento esse enredo que fala sobre transformar nossos monstros para enfim pularmos nosso carnaval na Apoteose! Não sei, tenho sentido tanto medo e tanta culpa o tempo todo... Uma busca de transformação e aceitação! A escrita é um processo esclarecedor, eu estava devendo essa chance para mim mesmo, falar sobre fragilidades e de certa forma comemorá-las! Queria agradecer ao meu orientador @mesaaaaaaaaac por me possibilitar criar tanto. E a todas as amigas e amigos que de várias formas estão comigo!

As fotos foram tiradas pelo amigo @thainanrocha

4 sem · Editado

🔊 🔋 📶 4G 71% 00:15

← **Comentários** 📌

mauricioaschneider Essa semana apresentei meu trabalho de conclusão de curso! Estava com muito medo... Ainda estou. Minha pesquisa se intitula MONSTRO, e fala sobre minhas experiências com a depressão, minha relação com o teatro e tudo isso no contexto de um desfile de carnaval! Me faço carnavalesco e apresento esse enredo que fala sobre transformar nossos monstros para enfim pularmos nosso carnaval na Apoteose! Não sei, tenho sentido tanto medo e tanta culpa o tempo todo... Uma busca de transformação e aceitação! A escrita é um processo esclarecedor, eu estava devendo essa chance para mim mesmo, falar sobre fragilidades e de certa forma comemorá-las! Queria agradecer ao meu orientador @mesaaaaaaaaac por me possibilitar criar tanto. E a todas as amigas e amigos que de várias formas estão comigo!

As fotos foram tiradas pelo amigo @thainanrocha

4 sem · Editado

🌸 ❤️ 😍 💙 🌈 🟡 🟢 🟣

Adicione um comentário... Publicar

🏠 🔍 + ❤️ 👤

Adicione um comentário... Publicar

“MONSTRO é... droga, agora eu esqueci... mas era um bagulho assim, era um textinho pra, pro painel de licenciatura... É, enfim, somos feitos de... MONSTRO é uma tentativa de busca pela teatralidade dos monstros que habitam nossas vidas! Uma busca... *psicofilosófica*, eu sei que parece difícil, mas é bem mais engraçado pelo contexto carnavalesco a que essa ficção se constitui, se constrói”.

Áudio transcrito gravado em 18/9/2019

Isto é sobre quem fui, quem sou e quem serei...

6 DE MAIO DE 2019 11:59



Olá Mesac! Tudo bem?? Bom, duas semanas já se passaram e eu não fui na aula. Estou com muita vergonha e decepcionado comigo mesmo! Infelizmente não tive um bom começo de ano, porém já é maio e ainda não consegui resolver essas questões, uma delas é essa minha fuga da academia. Tive períodos de bastante depressão nesse último mês e foi difícil me colocar no mundo de maneira diferente se não fazendo teatro, ensaiando, apresentando! A convivência diária com as pessoas está difícil pra mim! Mas estou melhorando, indo na psicóloga, tomando minha medicação. Portanto lhe pergunto novamente, depois de duas semanas, é possível retornar a disciplina?? Lamento pelas minhas faltas, estou em processo para amadurecer! Obrigado pela atenção e carinho de sempre! Abraços

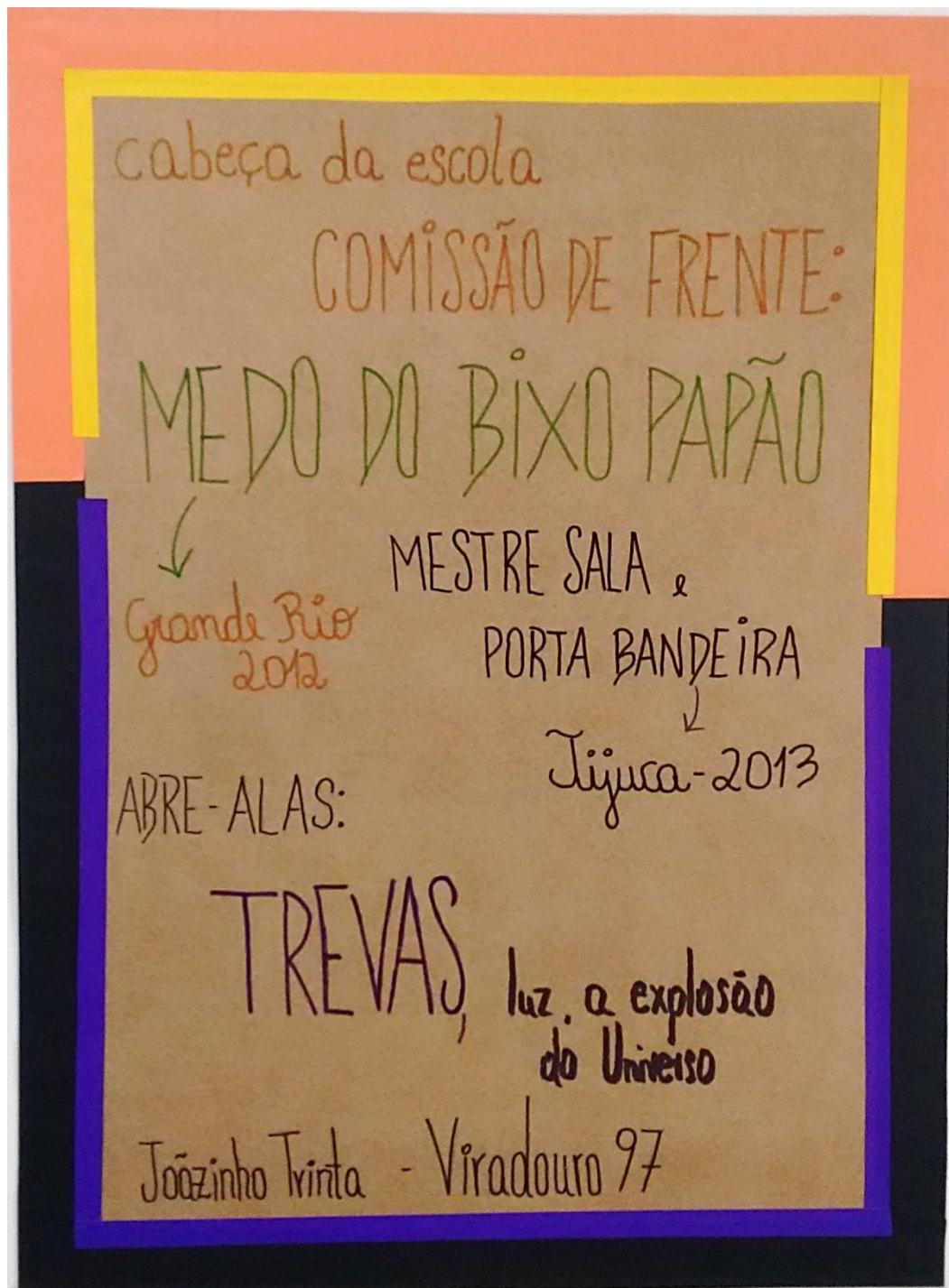
Trabalho de conclusão de curso:

MONSTRO

TEATRO

depressão

carnaval



A cabeça de uma escola constitui o início do desfile, é aquilo que aponta logo depois da esquina do samba, é a entrada na Marquês de Sapucaí! Nos últimos carnavais, a cabeça da escola constitui três quesitos obrigatórios, são eles: Comissão de Frente, 1º Casal de Mestre Sala e Porta Bandeira e o Abre-Alas (primeira alegoria da escola). Para o meu desfile esse início de desfile vai falar sobre a infância e os MEDOS que a criança enfrenta. Em 2012 a Grande Rio apresentou um desfile cujo enredo era a superação, já que em 2011 a escola passou por um incêndio no barracão às vésperas do desfile que o

destruiu praticamente por completo. O fato é que a Grande Rio apresentou uma comissão de frente para 2012 que constituía em uma cama gigante e várias crianças brincando ao redor e enfrentando seus medos, no enredo: “Eu acredito em você! E você?”. Imagino que brincadeiras e ludicidades possam sair de debaixo dessa cama, aventuras, histórias podem ser vividas tanto quanto eu as vivi quando criança. Ao mesmo tempo que o Bixo Papão pode viver embaixo dessa cama também, ou dentro do armário... Bixo Papão é aquela criatura a qual assume qualquer forma, ou melhor, a forma do que mais tememos... possibilidade de transformação rápida de um estado para outro é uma ideia que permeia essa escrita, ou melhor, esse desfile. E a cama será um objeto que aparecerá mais para frente, como quem acolhe a depressão.



O 1º Casal de Mestre Sala e Porta Bandeira virá representando a escuridão. As trevas. Quando criança, eu tinha muito, mas muito medo do escuro, da incerteza dele, do perigo dele e da imaginação furtiva amedrontadora que ele me possibilitava. Portanto trago a referência do desfile da Unidos da Tijuca de 2013 que falou sobre a Alemanha e seu 1º Casal representava a escuridão. Com uma fantasia completamente negra, Giovanna e Marquinhos abrilhantaram o início do desfile tijucano, o carnavalesco Paulo Barros preparou luzes de *LED* acoplados no figurino para causar mistério nos espectadores e criar o efeito do trovão que chamava o Deus nórdico Thor para contar a história da Alemanha na avenida no enredo: “Desceu num raio é trovoadas, o Deus Thor pede passagem para apresentar a Alemanha encantada!”.



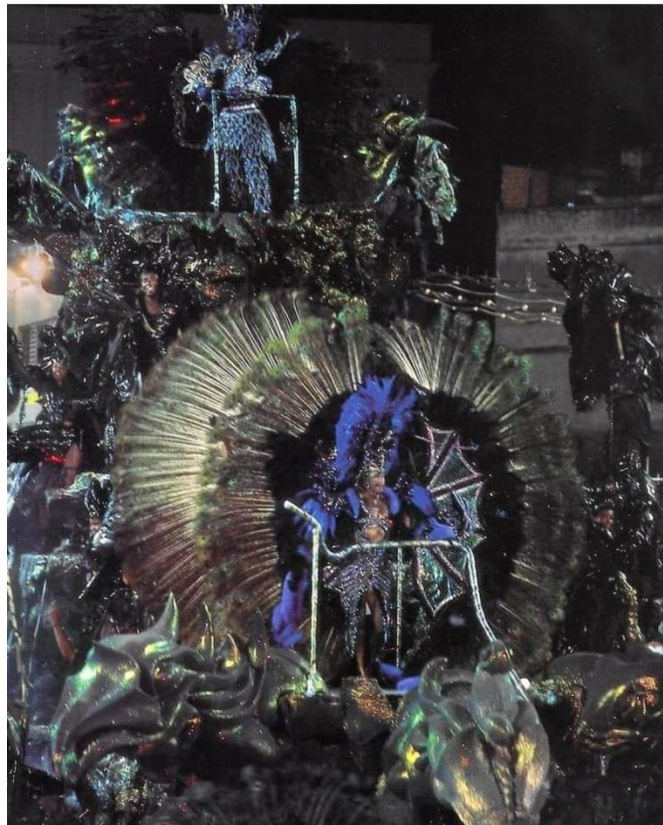
Para finalizar a cabeça da escola trago uma das referências que mais amo: Joãzinho Trinta! Em seu campeonato de 1997, ele trouxe o enredo para a Viradouro: “Trevas, Luz, a Explosão do Universo”. Esse enredo falava sobre a explosão do Big-Bang, o início do Universo, o surgimento dos quatro elementos, mais tardar a aparição do ser humano no mundo com suas guerras e lutas e finalizava com a ideia de que samba e carnaval são uma explosão de alegria. Parece simples né? Mas foi um dos desfiles cuja plasticidade e estética superaram qualquer expectativa, o trabalho e manipulação de materiais muito baratos como o plástico levaram ao êxito e campeonato da escola de Niterói para aquele ano. O abre-alas desse desfile era um deslumbre: completamente NEGRO! Representando o que havia antes do Big-Bang, ou seja, as trevas e seus respectivos mistérios... A imagem a seguir fala melhor do que qualquer descrição.



📶 🔋 H 📶 20% 19:02

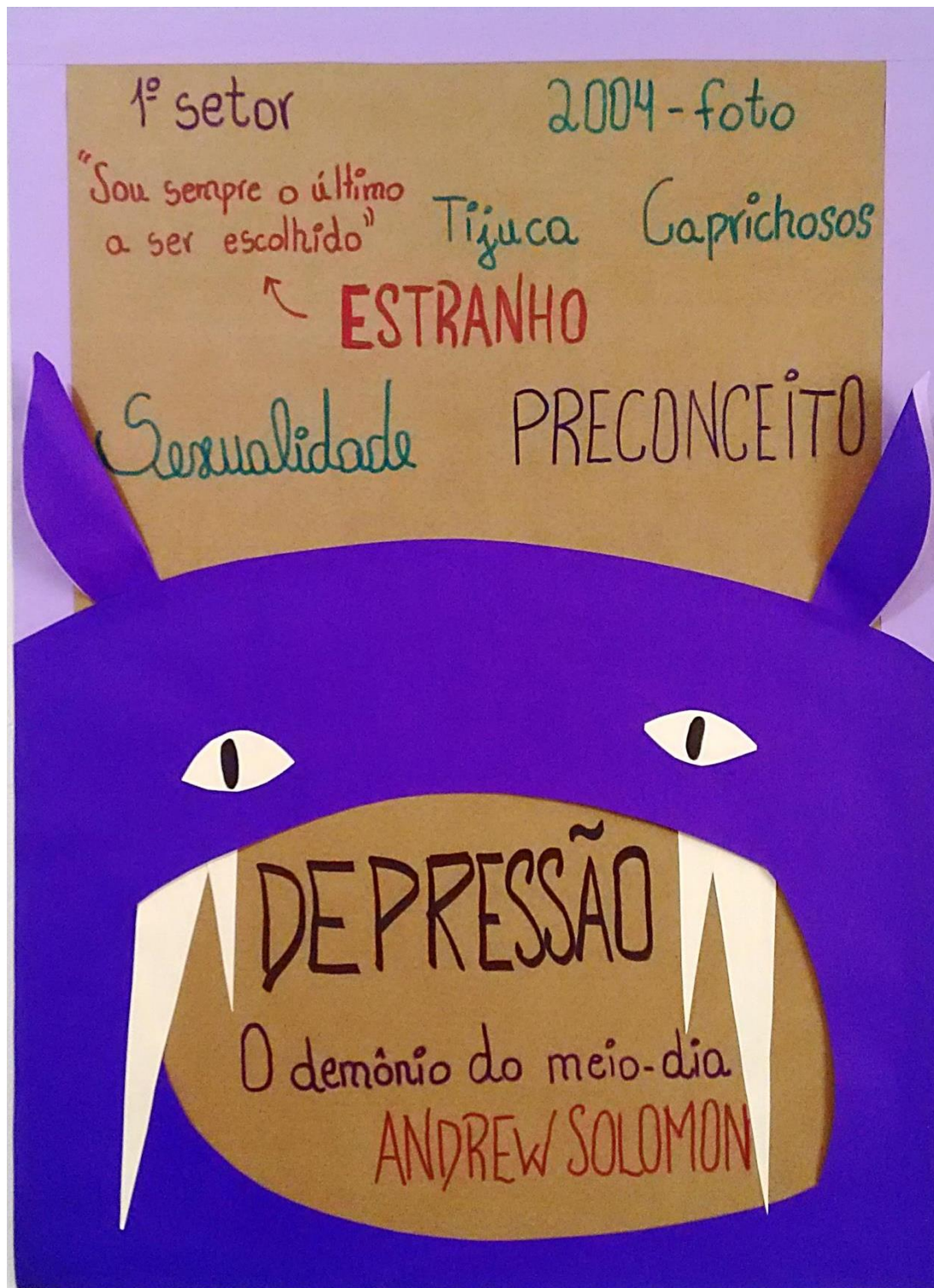


acervo_do_carnaval • Seguir



Curtido por fabiusricardum e outras 207 pessoas





Os setores, por sua vez, são os segmentos temáticos do desfile de uma escola de samba. Constituído, em sua maioria, por um conjunto de alas (4 ou 5) e encerrando com uma alegoria que resume o que foi dito nesse conjunto de alas, em alguns casos acontece o contrário. Cada setor vai falar sobre um determinado assunto que favorece o

enredo, nesse caso que favorece essa dramaturgia, essa escrita, este setor, por exemplo, discorrerá a partir da ideia do surgimento da depressão na minha vida e o enfrentamento desse monstro.



Essa foto foi tirada nas férias de 2004 (esse ano é importante para esse setor) pela minha mãe, na imagem aparecem minha irmã e eu brincando em nossa alegoria de carnaval intitulado “Carro das Águas”. Estávamos muito empolgados com o carnaval porque nos desfiles desse mesmo ano, a Caprichosos de Pilares apresentou um enredo sobre a Xuxa (e sim, minha irmã e eu amávamos ela) e eu tenho a clara recordação do Abre-alas desse desfile: um duende gigantesco segurando nos braços um bebê que carnavalescamente era a Xuxa Meneghel. “Batam palmas que ela já chegou, em meu coração um Xis marcou, Xuxa eu te amo, eu te amo, meu amor...” Esse era o estribilho do samba que cantamos muito durante esse verão.



Nesse mesmo ano, aliás (anos depois fui descobrir essa informação) em seguida do desfile da Caprichosos, entrou na Marquês de Sapucaí a Unidos da Tijuca lançando um nome que revolucionaria o fazer carnaval: Paulo Barros, o inventivo! Com o enredo “A criação do sonho e o sonho da criação: A arte da ciência no tempo do impossível”, a Tijuca apresentou um dos desfiles mais importantes e talvez o responsável pela minha paixão pelo fazer carnaval! Um dos momentos mais importantes dessa obra de arte foi no setor que falava sobre a genética humana e as novas tecnologias e descobertas, para isso o inventivo Paulo Barros criou uma alegoria cuja os próprios componentes ao executar uma coreografia conjunta, representavam o DNA humano! Essa alegoria e esse desfile ficaram na história do carnaval pois lançaram a ideia de “alegoria humana”, onde os brincantes executam uma função para completar a obra, seja ela uma alegoria ou uma ala.



Já com as férias terminadas, uma batalha na escola começa a ser travada... Percebo que um tratamento diferente em relação a mim em relação aos meus colegas, estou na segunda série e me sinto um completo estranho na sala de aula. Olhares esquisitos, comentários silenciados são as dificuldades do preconceito que surgem no meu dia-a-dia. “Mas por quê???” eu me perguntava. E não tinha resposta. “Terminei sozinho de novo!... Até parece na escola, quando a gente escolhe os times pro futebol na educação física eu sou sempre o último a ser escolhido... Aí o que acontece? Termino no gol né... Aí o que acontece? Só levo bolada!”. Essa é uma das minhas falas no espetáculo para crianças que faço desde 2015, meu personagem Luiz Augusto reclama ao ser deixado sozinho durante uma expedição no mundo dos monstros. E acredito que essa fala é minha criança machucada que ainda habita em mim (afinal de contas é o mesmo corpo não é?) e que corresponde tão bem para exemplificar essa estranheza que sentia em mim. Obviamente eu já era uma criança viada censurada do *Queer Museu*, mas ao invés do Santander, isso aconteceu no meu colégio mesmo. Mas como é para uma criança entender o que é sexualidade? Como se entende a homofobia sem nem antes entender o que é homossexualidade? E o pior, como se combate algo que não se entende?

Eu preciso tomar coragem! Preciso falar sobre isso... Estou há muito tempo com isso na cabeça. Talvez essa seja uma boa chance de falar, estou devendo isso pra mim. Estou devendo esse espaço, esse momento e essa coragem a mim mesmo...

Estamos na minha segunda série do ensino fundamental, mais especificamente, no ano de 2004. Tinha combinado de jogar Yu-Ghi-Oh no recreio com os amigos, era um jogo idiota de cartinhas que eu fingia gostar e entender para poder ter amigos. O sinal tocou e lembro que fomos correndo para a casinha de madeira que existia no pátio gigantesco do colégio em que sempre estudei. Espalhamos as cartas no chão, estavam lá o Lucas Leonhardt, o João Victor, e eu não tenho certeza, mas acho que o Marcus Hoppen também estava. Então, três garotos da sexta série entraram na casinha de madeira e expulsaram meus amigos. Eles queriam algo diretamente e somente comigo... Eu não consigo lembrar claramente da coisa toda, mas eles eram maiores do que eu, covardemente maiores. Aí um deles me chamou de: “gay, bicha, veado”. Depois disso o medo consumiu tudo: a memória exata do que aconteceu, o rosto dos garotos, a minha fala... Pediram, então, pra eu fugir, mas em seguida afirmaram que não seria possível porque eles iriam me perseguir: “Vai, tenta fugi...” Me direcionei a janela da casinha, visto que a porta estava bloqueada por uma figura muito maior que eu, quando fui sentar no batente para pular para o lado de fora, na profunda esperança que eles me deixariam sair. Um deles reapareceu na minha frente já por fora da casinha, pulei mesmo assim, caminhei em direção da frente da casa e percebi que as três sombras gigantes estavam atrás de mim: “Tenta fugi...”, “A gente não vai deixar...” Apressei o passo, me afastando da casinha de madeira, acatando as ordens dos garotos, mas logo fui desacelerado por uma mão no ombro. Depois disso, não lembro como foram embora, mas sei que em dado momento eu já estava sozinho com a gritaria das crianças brincando no pátio como se nada tivesse acontecido... E se eles voltassem?

MONSTRO

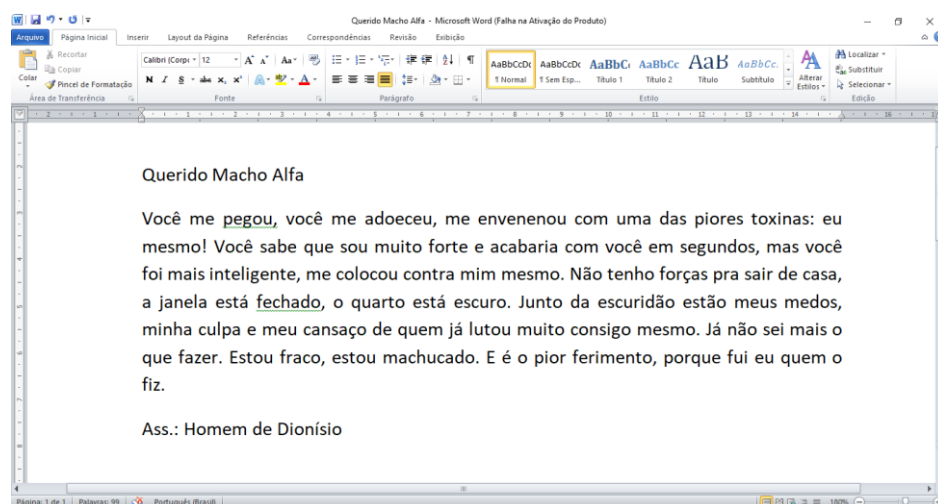
É assim que se cria um.

Foi aqui! Aqui iniciou um processo ao qual ainda estou inserido: A DEPRESSÃO. Depois desse momento senti uma mudança drástica no meu corpo, na minha carne. A liberdade foi destroçada pela tensão, músculos rígidos, tensão a todo instante acompanham meu corpo até hoje, suor excessivo, nervosismo, tremedeira, mão gelada, dor de barriga, diarreia, vômitos. Foi aqui que tudo isso surgiu na minha vida, esses garotos, aliás esses monstros impuseram essa condição em minha vida: sentir medo o tempo todo. Somente a imaginação era a fuga mais próxima e segura.

O medo faz com que façamos coisas impossíveis, o medo nos enfraquece, nos tortura, nos enlouquece. O medo faz com que a gente mate coisas que nem sequer nasceram. Ou pior, coisas que nos são desconhecidas. O importante é recomeçar.

23/01/2018

E o medo daqueles garotos da casinha de madeira voltarem se transformou em machucado, ferida que até hoje tento curar. Uma busca pela cura da minha depressão, esse monstro que teima em me perseguir aonde quer que eu vá! Aqueles garotos fizeram de mim um monstro, um monstro esquisito, feio, depressivo que vaga no meu inconsciente e se alimenta de mais medo, depressão e angústia.



Propriedades	
Tamanho	12,9KB
Páginas	1
Palavras	99
Tempo Total de Edição	71 minutos
Título	Adicionar um título
Marcas	Adicionar marca
Comentários	Adicionar comentário
Datas Relacionadas	
Última Modificação	04/05/2017 17:02
Criado	04/05/2017 15:54
Última Impressão	Nunca
Pessoas Relacionadas	
Autor	Maurício Schneider
	Adicionar um autor
Última Modificação por	Maurício Schneider

TEMPOS ATUAIS

“Tô em casa, é uma hora da manhã e eu não... eu não consigo... ã... sair, sabe?! Tô sujo, tô suado, tô com bafo... e tenho a sensação que perdi toda... que eu perdi um monte de coisa, sabe? Que eu me perdi de novo, eu não queria que isso acontecesse... Mas... Parece que tem uma coisa maior sabe? Ai que difícil... Não tem como explicar essas coisas... E aí eu me sinto mal porque parece que pras outras coisas eu tô tão vivo sabe?... Que pra isso tá difícil, tá... não me sinto capaz! Não me sinto pertinente, não me sinto necessário... Tenho medo... Enfim, eu ia ir na aula e não consigo... Não consigo... essa coisa de ver pessoas, ouvir, ter que falar... Ai é difícil... Muito difícil... Daí parece que esse áudio... eu não sei mais nada.”

Áudio transcrito, gravado em 4/6/2019

Já me encontro em Porto Alegre e numa de minhas madrugadas vendo televisão me encontro com uma figura que é de extrema importância para essa pesquisa e para a minha vida. Em uma entrevista feita pelo programa “Conversa com Bial” sou prazerosamente apresentado a Andrew Solomon, um pesquisador, professor, escritor do livro “O demônio do meio-dia” e especialista em saúde mental LGBTTTQ... (e quem mais se sentir a vontade para se colocar na sigla). Acredito que minha identificação aconteceu porque tanto no livro (que me presenteei e ainda estou lendo porque é gigante, mas maravilhoso) quanto na entrevista, Andrew coloca que a depressão é a ausência resumidamente de duas coisas: vitalidade e amor. Ausência de vitalidade porque se perde o sentido de viver e somente se espera um evento futuro que não necessariamente vai chegar. Fiquei por dias sem banho, sem escovar o dente, sem me alimentar direito e isso é insignificante, a única vontade é fugir da realidade dormindo, então eu dormia por horas e horas, passava praticamente o dia inteiro dormindo. E ausência de amor porque se perde a noção do afeto, não se existe uma vontade de convivência, de abraçar, de estar junto, de querer trocar afeto com amigos e família. Não existe o verbo AMAR, porque estamos sem conseguir nos amar, depressivos em sua maioria não se amam, tem dificuldade para criar amor próprio ou reconhece-lo e isso causa ódio. Ódio pela própria vida e pela dos outros que pelo simples fato de viverem já nos afeta de maneira negativa causando inveja, rancor e mais ódio. É um monstro difícil de ser vencido.

1. Depressão

desmedida do amor

ausência do amor



SOLIDÃO

A depressão é a imperfeição no amor.¹ Para poder amar, temos que ser capazes de nos desesperarmos ante as perdas, e a depressão é o mecanismo desse desespero. Quando ela chega, destrói o indivíduo e finalmente ofusca sua capacidade de dar ou receber afeição. Ela é a solidão dentro de nós que se torna manifesta e destrói não apenas a conexão com outros, mas também a capacidade de estar em paz consigo mesmo. Embora não previna contra a depressão, o amor é o que tranquiliza a mente e a protege de si mesma. Medicamentos e psicoterapia podem renovar essa proteção, tornando mais fácil amar e ser amado, e é por isso que funcionam. Quando estão bem, certas pessoas amam a si mesmas, algumas amam a outros, há quem ame o trabalho e quem ame Deus: qualquer uma dessas paixões pode oferecer o sentido vital de propósito, que é o oposto da depressão. O amor nos abandona de tempos em tempos, e nós abandonamos o amor. Na depressão, a falta de significado de cada empreendimento e de cada emoção, a falta de significado da própria vida se tornam evidentes. O único sentimento que resta nesse estado despido de amor é a insignificância.

A vida é repleta de tristezas: pouco importa o que fazemos, no final todos

Esse é o primeiro parágrafo do livro que me dei de presente para a escrita desse projeto e também do TCC: O Demônio do Meio Dia, de Andrew Solomon. Não tenho palavras melhores para explicar de cara o que é a depressão, assim de maneira tão simples como o autor faz: depressão é a falta de amor. De certa maneira o demônio, monstro que vive em mim desaprendeu a como amar e ser amado, existem períodos na minha vida que já não sei mais o que é afeto, então preciso reaprender. Exercitar o amor...

“É... é importante, é importante lembrar que eu sou da geração da televisão, os meus pais são da geração da televisão e me passaram isso. Meu pai me passou muito isso. De todos os dias assistir TV e eu chegar em casa, fazer os temas, de vez em quando de maneira descaprichosa, ou eu me cobro muito. Mas enfim, fazer os temas, ir pra sala e montar LEGO e ver TV. Porque a TV de certa forma ela nos liga com o coletivo. Mas é um coletivo *fake*, assim. E é um pouco o que o Solommon fala no livro ali né... de que... é muito triste, a depressão é bem maior quando a gente vê que estamos todos sozinhos, somos todos solitários... Né? Então é, é uma imagem muito triste: todo ser humaninho enfiado dentro da sua caixinha de fósforo vendo TV, e aí se sente

bem, ou, um *fake* bem porque tá vendo uma coisa no coletivo e tá sentindo numa sociedade, que louco isso!”

Áudio transcrito gravado em 9/7/2019



Este setor discorre sobre meu encontro salvador com o teatro e mais do que com o teatro, com a comédia! Descobri em mim um jeito de ver a vida, uma expressão, uma linguagem cômica.

Estamos em 2009, numa sala suja e com cheiro de guardado no prédio antigo do colégio, a parte em que o ensino médio estudava, me sinto grande... Estou na sétima série e cruzo o longo corredor para minha primeira aula na oficina de teatro. Acho que é preciso esclarecer como fui parar ali! Então, meus pais num intuito muito genuíno e inocente me colocaram para fazer atletismo porque acharam que eu precisava me enturmar, conviver com mais crianças, pré-adolescentes... Porém o contexto de uma aula de atletismo numa escola particular é bastante divergente ao de conhecer gente

nova e fazer amigos, o espaço é machista. Participei de duas aulas e de certa maneira eu me dei bem até, afinal eu sabia correr muito rápido, coisa que a convivência das diversas fugas no recreio do colégio me ensinou. O fato é que eu precisava me livrar daquilo! Conversando com minhas amigas de turma, surgiu uma vontade com cara de coragem de fazer a dita oficina de teatro nas sextas à tarde com a professora Cristiane Schneider (não, ela não é minha parente...). Perfeito! Eu poderia substituir o atletismo da testosterona pela desafiadora oficina de teatro. Acordo fechado, iríamos todos juntos na sexta feira a tarde daquela semana na suja sala do final do corredor. O interessante é que eu não tenho de fato muitas lembranças daquela tarde, afinal de contas aquele momento se repetiria nos próximos cinco anos e depois disso se repetiria até o momento em que escrevo estas palavras. A única forte memória que tenho daquela tarde são dois momentos específicos: o primeiro faz com que eu sorria ao mesmo tempo que escrevo, um momento lindo, íntimo e que expressa com primazia o frescor de quem iniciará uma jornada sem final. Em um dado momento da minha primeira cena de improvisação (dessas que escolhe local e ação) eu fazia um padeiro que atendia suas clientes e então eu disse alguma coisa que eu nem lembro direito o que era, mas tenho a impressão de estar fazendo uma coisa meio Zorra Total (na época ainda era Total mesmo) e as pessoas riram muito. Não sei se foi o jeito que falei ou o que falei que causou uma risadaria geral e deliciosa. O outro momento que comentei, foi logo em seguida desse último, já nas coxias depois de terminar a cena, minhas colegas de cena Bibiana Deitos e Bibiana Munhoz que eram da tão admirada oitava série tocaram na minha mão uma depois da outra (tocar na mão no sentido de “Toca aí”) e falaram: “Arrasamos”! ARRASAMOS!

MONSTRO

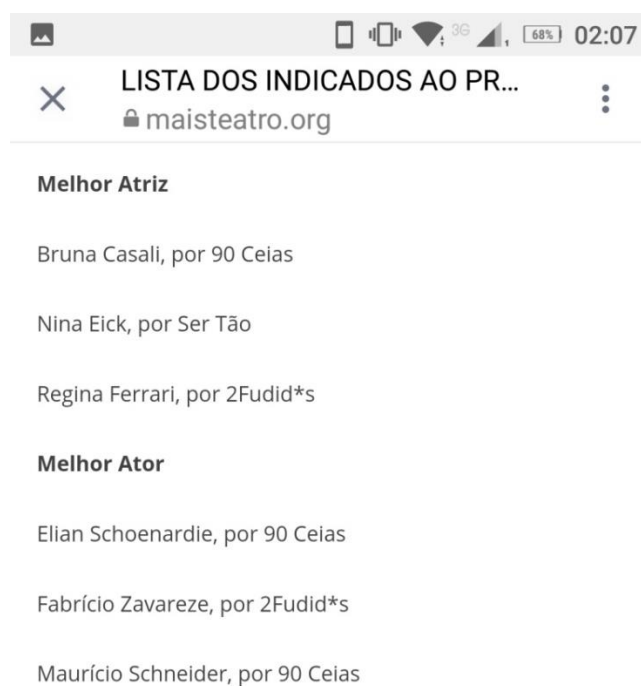
É assim que se cria um.

“Nossa, você parece um monstro em cena!”, certa vez fui presenteado com essa frase dita pelo Osório (que carinhosamente apelidamos de Zozó). Osório é técnico de

palco no Centro Municipal de Cultura e como já fiz muitas temporadas por lá a amizade cresceu e a identificação de trabalhadores brasileiros ocorreu e nos aproximou ainda mais. Osório é uma daquelas figuras que fazem com a gente continue trabalhando com teatro. Assim como o Luiz Acosta, técnico do DAD que foi injustamente demitido pela empresa de terceirização a qual ele prestava serviço há muitos anos. Fica aqui um protesto. Acosta toda a comunidade *dadiana* te admira, se inspira em você e guarda você em lugares muito especiais! VOLTA ACOSTA!

“Durante essa noite, nós pedimos a sua licença para rompermos com a noção do tempo. 90 anos serão atravessados nesse espaço que representa 90 ceias de Natal na casa da família... (som do primeiro sinal)”.

Trecho da minha primeira fala do espetáculo 90 Ceias que de maneira muito sucinta resume a ficção.



Prêmio Açorianos de Teatro 2018. Não ganhei nenhuma indicação de atuação! (Risos)

Preciso contar essa anedota da minha última apresentação de 2019 que ocorreu dia 8 de dezembro com o espetáculo 90 Ceias que apresentávamos no Teatro de Arena para uma plateia muito especial! O 90 Ceias é um estudo aprofundado em comédia para mim, durante o processo me concentrei em criar uma personagem que fosse extremamente engraçada, daí surgiu Hernandez Maria de Guadalupe Fernandez, a titia

Hernandez. Durante o espetáculo dez personagens se apresentam na casa dessa família, num recorte da noite de Natal, o que o público aos poucos percebem com a morte de vários personagens (afinal de contas atravessamos 90 anos em 1 hora e 40 minutos) e a empregada da casa Hernandez vai ficando. O fato é que minha personagem pode ser lido como sendo o próprio tempo e por isso não tem fim, nessa última sessão, durante a última morte, a da personagem Tânia Regina (interpretada lindamente pelo amigo Lauro Fagundes) um homem presente na plateia inicia uma salva de palmas solitária, porém muito virtuosa como se aquele fosse o fim da peça. O espetáculo ainda não tinha terminado, depois da última morte ainda existe uma cena em que só eu apareço, não pude deixar esse acontecimento passar em branco. Sentei na mesa da Ceia (como sempre faço), olhei para o público (como sempre faço), ergui a taça do brinde, direcionei o olhar ao homem das palmas e disse no meu sotaque português/espanhol/latino: “Achou que tinha acabado, não?”. Eis que o teatro vem abaixo com tantas risadas e senti que eu estava sendo o centro do Universo naquele exato instante, do meu Universo! E a sensação de prazer foi inexplicável e com certeza inesquecível. Depois disso finalizei o espetáculo como sempre e saí de cena (junto de meus colegas, após os agradecimentos) com a sensação de ter tido o meu melhor momento em cena de 2019 no finalzinho do mesmo!



Está lista é dedicada a uma singela homenagem as atrizes e atores cômicos brasileiros que me influenciam:

Tatá Werneck

Marisa Orth

Miguel Falabella

Fábio Porchat

Roberto Gomez Bolaños (não é brasileiro, mas é o Chaves, então...)

Dani Calabresa

Aracy Balabanian

Marcia Cabrita

Nair Bello

Hebe Camargo

Maria Clara Gueiros

Rodrigo Santana

Katiuscia Canoro

Samantha Schmütz

Thalita Carauta

Nany People

Renato Aragão

Paulo Gustavo

Cacau Protásio

Marcus Majella

Mônica Iozzi

FERNANDA TORRES

Alexandre Nero

Johnny Massaro

Arlete Salles

Alessandra Maestrini

Jô Soares

Chico Anysio

Berta Loran

Tom Calvalcante

Heloísa Périssé

Ingrid Guimarães

Denise Fraga

Fernanda Montenegro (Porque sim né?!)

Marcelo Adnet

Dercy Gonçalves

Laura Cardoso

Regina Casé

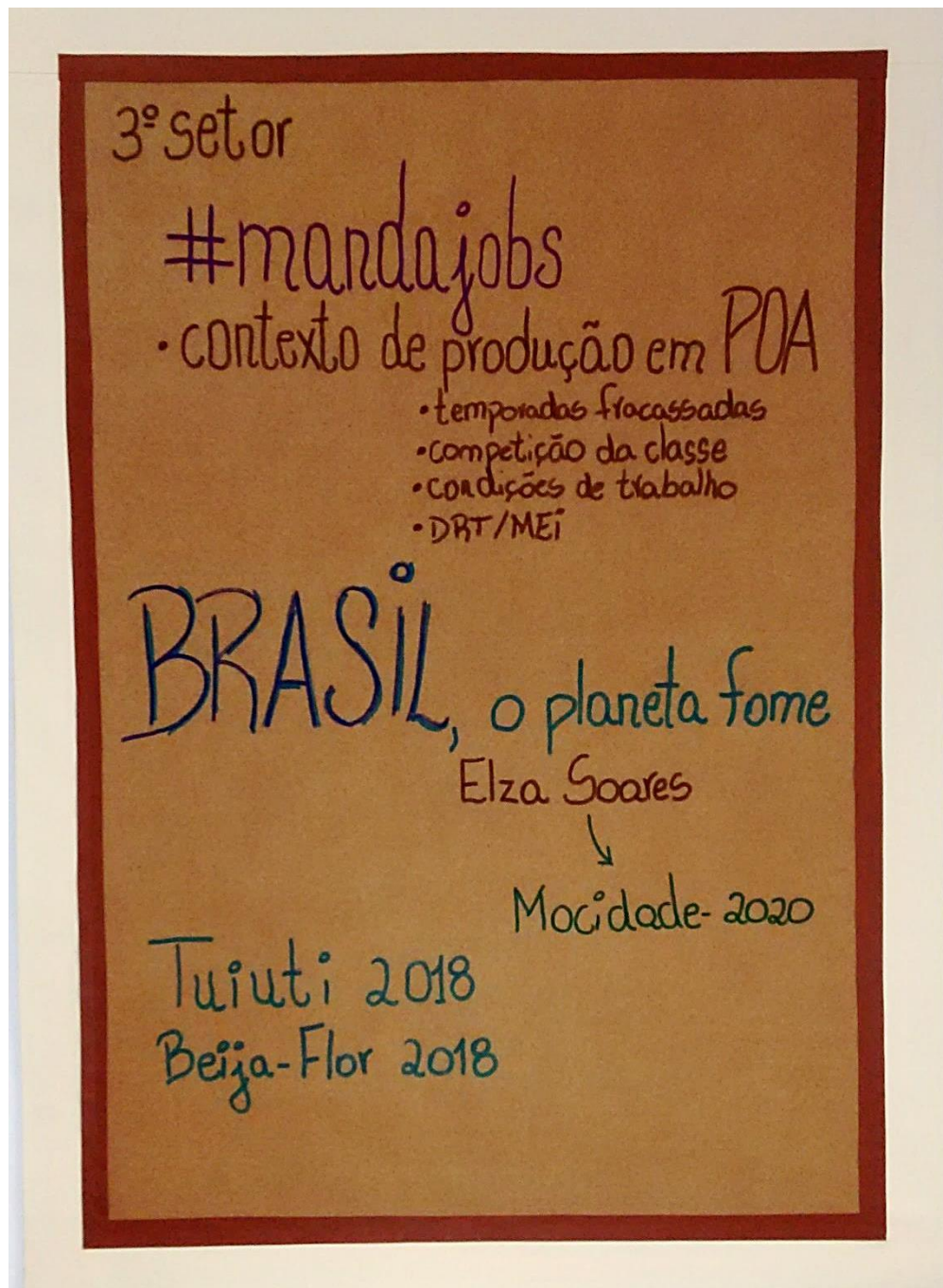
Cláudia Rodrigues

Andréa Beltrão

Cláudia Raia

Adriana Esteves

Silvetty Montilla



Maurício Antônio Schneider (DRT – 0013794/RS) nascido no município de Estrela/RS no dia 13 de junho de 1996, geminiano, registro geral sob o número 9096788063, cadastro de pessoa física sob o número 027.326.120-73 cursa licenciatura em Teatro na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, ingressado em 2014. Possui Micro Empresa Individual com razão social de Maurício Antônio Schneider, nome fantasia Maurício Schneider, Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica sob o número 31.023.636/0001-82 cuja atividade principal está sob código 90.01-9/01 – Produção teatral (situação em 25/07/2018 – ativo). Reside na avenida João Pessoa número 75 (4

a mais do que a Bruxa do 71) no apartamento 711(ao sair do elevador vire a esquerda, em seguida vire a direita, é a porta da direita). Seus contatos consistem em telefone celular de número (51) 99358-9026, residencial de número (51) 3022-5439, e-mail mauricio.antonio.schneider@gmail.com, Instagram sob o perfil @mauricioaschneider, Facebook Maurício Schneider. Sua trajetória no teatro entre os anos de 2009 e 2013 consistiu em participar dos grupos de teatro do Colégio Evangélico Alberto Torres – Lajeado/RS produzindo diversos espetáculos como: *O Mágico de Oz* (2009), *Mistério na Mansão* (2010), *Tudo na vida tem um lado A e um lado B* (2010), *É Segredo* (2011), *O Fantástico Circo dos Sonhos* (2012), *A Fábrica de Ideias* (2013). Já na graduação participou e participa de diversos espetáculos na área da atuação, como: *Transmutações* (dir. Vitória Titton); *Platônico: A Reabilitação* (dir. Danuta Zaghetto); *Expedição Monstro* (dir. Matheus Melchionna) – vencedor no Prêmio Tibicuera de Teatro 2018 nas categorias melhor iluminação, melhor cenografia, melhor figurino, melhor dramaturgia e melhor atriz coadjuvante para Danuta Zaghetto; *Jacques ou Toda Tradição Está Comigo* (dir. Ander Belotto); *Contratantes* (dir. Vitória Titton); *Almodóvar Motopeças* (dir. Jéssica Luzia); *90 Ceias* (dir. Vitória Titton) – vencedor do Prêmio Revelação de Teatro 2018 como melhor espetáculo e melhor direção; *Gurizada Medonha* (dir. Paulo Guerra). Fez assistência de direção no espetáculo *Remontagem: O Nosso Amor a Gente Inventa* (dir. Ander Belotto); *Os Mamutes* (texto de Jô Bilac); *O Enigma das Caixas* (dir. Paulo Guerra). Atua no espetáculo *Últimos Dias de Super Herói* (dir. Lisandro Beloto) na Fundação Thiago de Moraes Gonzaga. Em 2018 foi indicado ao Prêmio Revelação de Teatro como melhor ator pelo espetáculo *90 Ceias* e indicado ao Prêmio Tibicuera de Teatro como melhor ator pelo espetáculo *Expedição Monstro*.

É assim que a gente se apresenta hoje em dia né? #mandajobs #mandaedital #teatro #teatrogaucho #ator #teatroinfantil #dadnãoesinaprodução #tuliopivavive #usinasartes #alvaromoreiravive #ocupateatrorenascença #ccmq #teatrobrunokiefer #salacarlos-carvalho #casadeculturamarioquintanavive #marchezanpagueosartistas #forabolsonaro #salaqorposantovive #voltaAcosta

“Hoje é dia do artista de teatro, né? Devo confessar que eu não, nem lembrava que isso existia, mas existe. Ai que alegria (ironia). Ser artista de teatro, né? Hoje de manhã eu fui no meu clínico geral, pedir encaminhamento para um psiquiatra aqui em Porto Alegre, mais uma vez... Nessas minhas desventuras da depressão... E ele me

falou: “Te forma, porque tu é só um estagiário”! Daí fico pensando assim que tem algumas coisas que as pessoas não entendem que é trabalho... Tipo: “Tu é só um estagiário, porque tu não te formou ainda”. Será que a gente têm de depender de uma formatura, entende?... Tenho DRT, na minha carteira de trabalho diz que eu sou ator profissional, entende? E eu to tão cansado de ver essas notícias de que ator é vagabundo, de que atriz é vagabunda, de que... A gente tava conversando no camarim de que nos anos 80, as mulheres, pra poder ter carteira de trabalho como atriz, tinha que primeiro ter uma carteirinha de prostituta, entende? Não tô desmerecendo as duas funções, mas uma coisa não tem nada a ver com a outra, tu entende? ... É, a gente é massacrado, a gente é cuspidado, hostilizado... Enfim, todo trabalhador brasileiro nesse país tá sendo cuspidado, massacrado e odiado, sejamos sinceros. Mas o de teatro, AH, eu não sei, eu acho que o nível é um pouquinho maior... eu não sei mesmo, posso estar muito errado, porque também não tenho contato com as outras profissões. Mas é complicado, é muito complicado. É difícil tu chegar na faculdade, sentar na cadeira e olhar pra tua professora e a tua professora ganhou o último edital, entende? E tu tinha um projeto tão bom, tão bom, tão bom, muito melhor do que da tua professora e tu sabe disso e ela sabe disso... Talvez... Mas ela ganhou o edital, é muito complicado tu saber das entranhas disso tudo, sabe? Ver o outro lado, fazer parte do lado pobre... De vez em quando eu sinto que faço parte do lado suburbano do teatro, sabe? Do subúrbio, tô afastado, do centro e nunca estarei porque sei lá, me falta dinheiro, me falta *contatinhos* porque eu não sou das pessoas que ficam lambendo o cu de todo mundo pra ter *contatinhos*, então é complicado... Mas feliz dia do ator... Eba. Que gostoso.”

Áudio transcrito gravado em 19/8/2019

“Nessas de ficar lembrando do começo, de fazer teatro ainda em Lajeado no CEAT. É muito louco porque eu era muito apaixonado por teatro aquela época, assim, aqueles tempos (risos)... Por que, se tu for ver, a gente né, trabalhava uma peça durante o ano inteiro. Começava a ensaiar em abril pra apresentar em outubro ou setembro... cara ficava um tempão ensaiando uma única coisa sabe? Isso também tem que ter muito amor, porque é muito tempo, você tem que ficar o tempo todo... Agora ensaiando uma peça a gente sempre fala: “Ai será que precisa tanto?”. Porque é também difícil trabalhar com muitos colegas. E agora, eu sinto que já não vou mais assistir teatro, eu já não vou ver meus amigos, meus colegas em cena. Os guris agora do Mamutes (“Os Mamutes” texto de Jô Bilac, espetáculo que faço parte) vão fazer cena e eu não tô afim

de ir, eu deveria ir sabe? Eles foram me assistir no São Pedro e tal, é muita troca também. Mas eu não consigo, assim, eu tô, talvez seja em função das premiações... Eu tô muito chateado com a classe artística, fico puto com as pessoas que não vão ver e eu me tornei uma dessas pessoas que não vão ver, entende? Eu não quero ver as pessoas, não quero ter que ver, não quero ter escutar coisa do tipo: “Ai, vai ver minha peça”! Ai sabe, aff, só quero fazer teatro, não quero ver... *Alok*, brincadeira! Mas é um pouco isso sabe? Eu acho que eu não consegui me reapaixonar pelo teatro talvez, esse amor, a gente tá um pouco em crise. E quando eu vim pra cá, pra Porto Alegre em 2014, eu assisti muita peça e aí em 2016, não sei, a coisa começou a desandar um pouco, eu comecei a me afastar... eu só fazia, fazia, fazia... comecei a me afastar de ver. Aí em 2017 vi menos ainda, em 2018 vi menos ainda, em 2019 menos ainda (barulho ensurdecedor de uma furadeira) ... e o vizinho tá furando parede, obrigado querido... Boa noite!”

Áudio transcrito gravado em 9/7/2019



Essa imagem é uma fotografia tirada do desfile da Grêmio Recreativo Escola de Samba Beija-Flor de Nilópolis no carnaval de 2018 com o enredo: “Monstro é aquele que não sabe amar, os filhos abandonados da pátria que os pariu”. Que celebrava os 500 anos da obra literária Frankenstein de Mary Shelley em paralelo com uma crítica sobre a situação socioeconômica de nossa amada pátria Brasil! Deixo o link do desfile no Youtube porque vale muito a pena conferir, deixe o volume bem alto porque o samba interpretado por Neguinho da Beija-Flor é simplesmente uma obra prima!

<https://www.youtube.com/watch?v=18YAUiy9RC4>



Imagem emblemática da campeã do povo para o carnaval 2018: Paraíso do Tuiuti! O Temer vampirão fez parte da última alegoria que fechava o desfile e o setor que falava sobre a carteira de trabalho e a reforma da previdência. Reforma essa que fará com que os trabalhadores fiquem praticamente escravizados em pleno século XXI, “Meu Deus, meu Deus, está extinta a escravidão?” foi o enredo da Tuiuti e com essa imagem final faz jus a reflexão. Estamos de fato alforriados?



“Têm momentos em que o monstro é tão grande ou... tão descontrolado que nem o carnaval salva sabe?... Que nem esse desejo mais profundo salva... Que nada salva... Nada, nada, nada... Que nada salva... É foda.”

Áudio transcrito gravado em 23/9/2019

“Têm dias que o monstro tá ali assim, tá na cabeça... Bem grande, com os braços abertos, assim... Colocando toda sua negatividade dentro da minha cabeça sabe? Hoje é um desses dias, parece que só o que tem de mais ruim na minha vida aparece. O relacionamento com meu pai, minha faculdade que não terminei e não tenho previsão de terminar, minha dificuldade de conviver com as pessoas, essa minha vergonha de tá na rua... é... sendo essa pessoa falha que sou, tendo meus vícios, enfim. E hoje é um dia que tudo isso mais tá parece... E aí... ã... é mais difícil de não querer só estar embaixo da cama esperando o tempo passar sabe? Pra chegar o próximo compromisso que vai tirar minha cabeça desse lugar sabe? Muito louco...”



Imagem da última alegoria do desfile da Acadêmicos do Salgueiro para o carnaval 2014: “Gaia, a vida em nossas mãos”. Esse pra mim é a representação do MONSTRO, esse desfile falava sobre a preservação da natureza a partir dos quatro elementos básicos e o que acontece quando não cuidamos da nossa casa Gaia, essa alegoria representava justamente isso, um apocalipse!

- Quem é você?

- O MONSTRO!

- E do que você é feito?

- DOR, SOFRIMENTO, DEPRESSÃO, ANGÚSTIA, ANSIEDADE.

- Porque está aqui?

- PARA ACABAR DE VEZ COM VOCÊ.

Neste momento o monstro ganha sua forma mais amedrontadora e aterrorizante, nunca ele esteve tão poderoso. Esse monstro feito de cinzas de queimadas de florestas e museus, feito de lama de rejeitos, óleo vindo do mar e sangue inocente.



Imagens da segunda alegoria do carnaval 2019 da Estação Primeira de Mangueira com o enredo desenvolvido por minha paixão Leandro Vieira: “História pra ninar gente grande” que contestava os grandes heróis negros e índios que não aparecem nos livros didáticos do nosso país. Essa alegoria representava a violência dos bandeirantes sobre as tribos indígenas e todo sangue que foi derramado. O MONSTRO se alimenta disso.



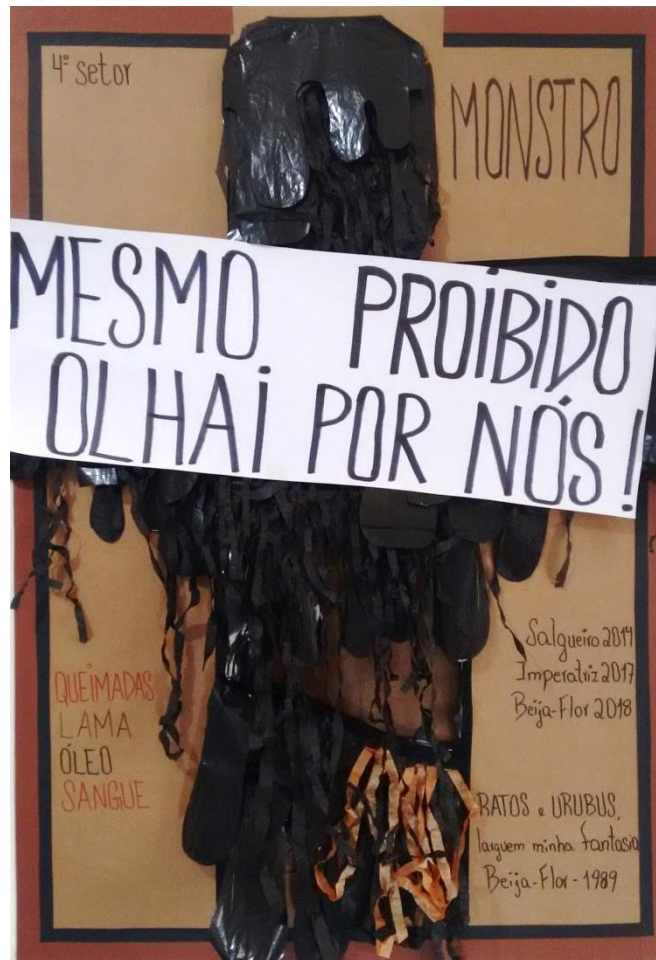
Na verdade, para mim, esse MONSTRO tem cara sim! E é muito conhecida:



Porém, não seria possível entrar com tal alegoria na Marquês de Sapucaí, tenho certeza absoluta que seríamos censurados, portanto já me adianto e vamos tapar o rosto anunciado do MONSTRO.



Ah! Mas isso me lembra alguma coisa...

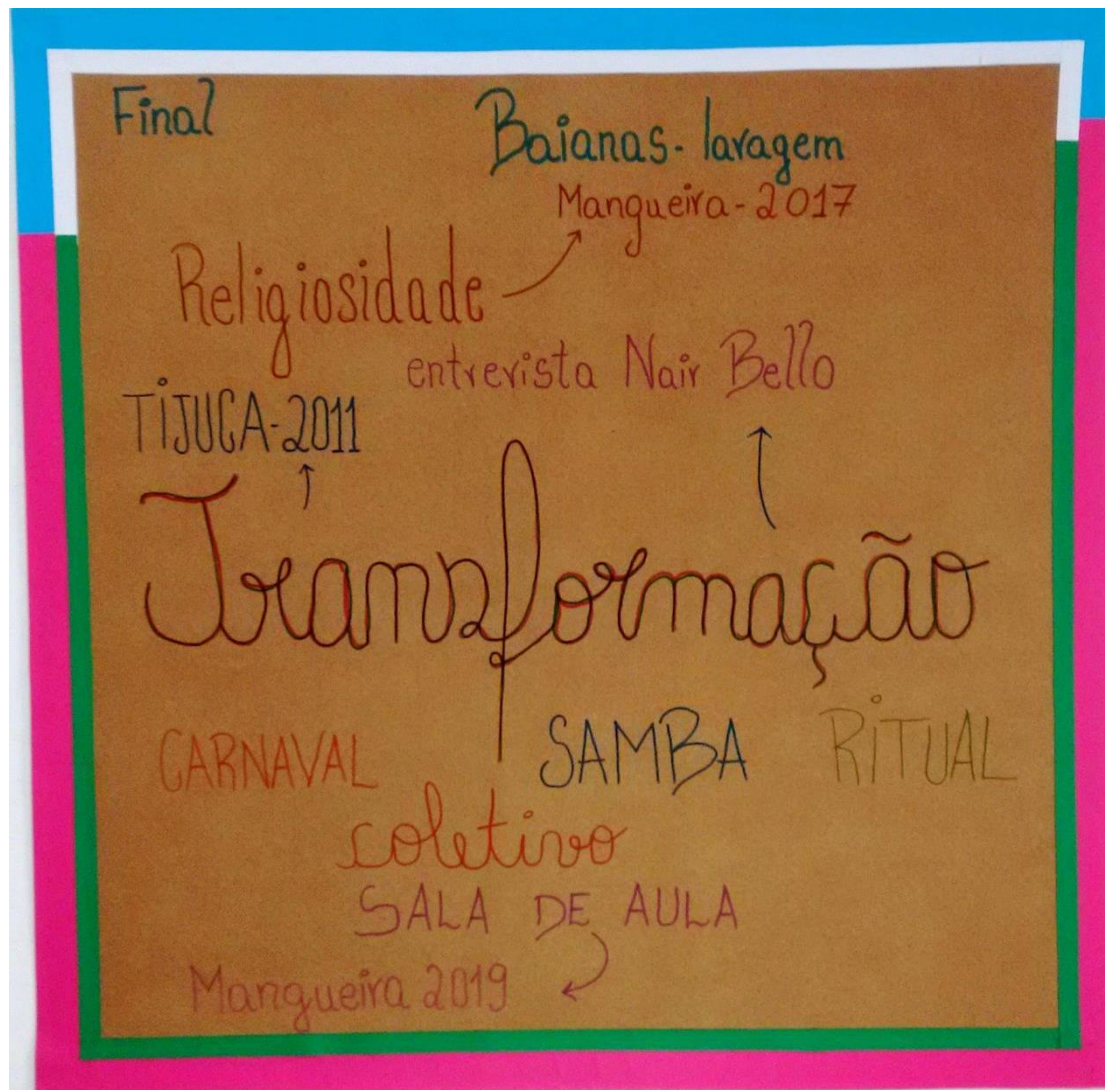




“Ratos e Urubus, larguem minha fantasia”, Beija-Flor em 1989 foi o enredo desenvolvido por Joãozinho Trinta (eu não disse que ele era importante para essa pesquisa?) e censurado pela Curia Religiosa em função da imagem do Cristo Redentor mendigo que seria o abre-alas desse desfile junto de uma multidão de mendigos maltrapilhos que invadiram o sambódromo.

“Eu tô envelhecendo! Tô envelhecendo. EU ESTOU ENVELHECENDO... Eu tô envelhecendo sacou? Tô envelhecendo... É... Eu tava pensando em cortar meu cabelo, e aí, eu lembrei de uma das primeiras vezes que eu cortei meu cabelo aqui em Porto Alegre. Aí eu lembro que ele tava bem, bem curtinho, bem ralinho dos lados e em cima ele tava bem leve, clarinho... Aí eu pensei: “Nossa eu quero aquele cabelo de volta”!... Mas aí eu pensei: “Não, não posso mais ter esse cabelo, porque meu cabelo engrossou, tô ficando velho. Porque tá nascendo barba, eu estou engordando, eu engordei no último mês uns três quilos, o que não é comum... e eu estou mantendo este peso, o que não é comum... Eu estou envelhecendo, meu metabolismo tá começando a atrasar... Meu Deus... Então aí é que tá a grande volta, o grande conflito da dramaturgia do meu texto: O TEMPO! O tempo.”!

Áudio transcrito gravado em 3/8/2019



A batalha foi perdida! O ódio venceu, o Brasil está dividido, machucado, censurado. A pista do desfile está imunda, de tantas cinzas, óleo, lama e sangue. Mas eis que apontando distante, um montante de saias rodadas brancas rodando e rodando se apresentam. As baianas! Mulheres, idosas, negras e brancas vem desenvolvendo seus giros, no meu carnaval as baianas vem de baianas mesmo, para salvar nosso carnaval. A lavagem da escadaria da Igreja do Nosso Senhor do Bonfim é uma das manifestações mais lindas que penso existir no Brasil, um sonho presenciar e ser lavado pelas mãos de quem sabe, de quem crê. Aliás o povo brasileiro é um povo crente, um povo que tem fé! A religiosidade brasileira vem lavando a avenida, toda a sujeira depositada pelo Monstro se esvai e no lugar aquela mar branco de rendas e balangandãs!



Tripé apresentado no desfile da Mangueira para o carnaval 2017, também desenvolvido por Leandro Vieira no enredo “Só com a ajuda do Santo” que falava justamente sobre a religiosidade brasileira. Na imagem, o tripé representa de um lado Jesus Cristo e do outro (no sincretismo) Oxalá! Infelizmente para o desfile das campeãs a escola foi censurada pela Igreja que não autorizou a apresentação desse elemento cenográfico.

“E olha, eu vou dizer uma coisa... eu vou dizer uma coisa o Jô. É uma coisa que eu aprendi e eu acho que é... você sabe que eu perdi um filho em 1975, com vinte anos e toda semana tem uma mãe que liga pra minha casa pra perguntar como é que eu consegui superar. Aí eu digo pra ela que eu ia na Igreja e pedia pra voltar a dar risada, porque eu tinha mais três pra criar! E, eu percebi uma coisa, aliás, eu entendi não, Deus me fez entender que você pode reclamar durante dois meses, com as outras pessoas, você pode chorar, você pode reclamar, você pode... Depois, todo mundo têm sua vida, cada um vai pro seu lado, ninguém aguenta mais você se você ficar reclamando a vida toda. Você tem que continuar vivendo, você tem que ri, tem que continuar seu trabalho! Então, é, graças a Deus, Deus me deu essa bênção de entender isso!”

Trecho de uma entrevista de Nair Bello com Jô Soares em 2000. Nair faleceu em 2007, com 75 anos.

TRANSFORMAÇÃO! É isso! Transformar, criar, imaginar são as ferramentas que encontro para vencer o monstro (perceba que agora ele está escrito minúsculo, fraquinho). O CARNAVAL, o SAMBA, a FESTA, a CATARSE, o RITUAL, o DESFILE, a PROCISSÃO são esses elementos que vencem os monstros que se apresentaram nesse enredo.

Estamos agora em algum lugar do futuro, não sei exato quando... Só sei que a vida explode em mim e eu explodo nela. Estamos no Sambódromo Marquês de Sapucaí na cidade do Rio de Janeiro e estou levando para a avenida essa pesquisa que se transformou em samba enredo. Numa visão futurista carnavalizada, teatral, tragicômica me transformo no que mais quero ser: CARNAVALESCO! Esse é o mais profundo dos meus sonhos e o que guardo com mais carinho, conceber um desfile de escola de samba, como quem ensaia e apresenta um espetáculo. No meu carnaval pretendo celebrar os monstros que somos, criamos e convivemos... Todos juntos pulando em uma imagem inesquecível na praça da Apoteose!

Não encontro melhor maneira de encerrar esse texto do que com esse samba exaltação portelense escrito por Paulo César Pinheiro e Mauro Duarte na voz da inigualável Clara Nunes. Aliás, este samba foi um pedido de Clara para seu marido Paulo que na verdade era mangueirense de coração, porém encontrou na própria esposa a inspiração para uma das referências que mais descreve a sensação que me encontro nesse momento.

<https://www.youtube.com/watch?v=4VeN2JirTCQ>

Portela

Eu nunca vi coisa mais bela

Quando ela pisa a passarela

E vai entrando na avenida

Parece

A maravilha de aquarela que surgiu

O manto azul da padroeira do Brasil

Nossa Senhora Aparecida

Que vai se arrastando

E o povo na rua cantando

É feito uma reza, um ritual
É a procissão do samba abençoando
A festa do divino carnaval

Portela
É a deusa do samba, o passado revela
E tem a velha guarda como sentinela
E é por isso que eu ouço essa voz que me chama

Portela
Sobre a tua bandeira, esse divino manto
Tua águia altaneira é o espírito santo
No templo do samba

As pastoras e os pastores
Vêm chegando da cidade, da favela
Para defender as tuas cores
Como fiéis na santa missa da capela

Salve o samba, salve a santa, salve ela
Salve o manto azul e branco da Portela
Desfilando triunfal sobre o altar do carnaval

Muito obrigado pela generosidade da leitura.

Com muito amor,

Maurício Antônio Schneider

